

Germinál



N.º 5 — ANO I
7 de Fevereiro de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolu-
ção prévia.» — ELISEU RECLUS.

Publica-se aos domingos

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL. — EDITOR, MARIO COSTA.

(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)

Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

Comp. e imp. nas OFFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca, 51, 3.º — LISBOA

INTERROGAÇÕES

Novo ministerio; com o do governo provisório, é o oitavo da Republica. Trabalho realisado até agora... é melhor não falarmos em coisas tristes.

Falou-se para ahi em governo militar ou coisa parecida, talvez por causa dos acontecimentos que precederam a queda do segundo governo afonsista. Mas parece que assim não é, o que de resto não tem importancia, porque ele apparecerá, desde que isso se julgue necessario.

Agora todas as atenções estão concentradas no jogo da politica partidaria: autoridades administrativas, eleições, divisão de circulos, chefes de gabinetes ministeriaes e outras coisas da mesma transcendencia e utilidade.

Entretanto lá vão marchando mais soldados para a Africa; e quanto a aclararem-se os escandalos, que se deixaram entrever, de fornecimentos para expedições e outras operações preparatorias de guerra, nunca mais se ouviu uma palavra.

Apurou-se, legitimou-se ou reconheceu-se que tudo era calunia, com a queda do governo afonsista?

E agora, ha mais expedições á Africa?

Vae-se ou não para a guerra na Europa?

Está ou não o governo inglez á espera do auxilio que pediu... ou que não pediu?

Resolve-se ou não a questão do pão, de modo que o povo não fique intrujado?

Ou tudo isto desapareceu porque é preciso pensar na nomeação de novos governadores civis e de novos deputados?

Os jornaes diarios, os taes, partidarios ou não, que refletem «o pensar e o sentir da opinião publica», pouco ou nada dizem daquelas ques-

tões, com as quaes se enchiam colunas de prosa inflamada em defeza quer dos interesses quer das gloriosas tradições do paiz.

Pois não seria mau que nos dissessem o que se tem passado lá por Angola, e o que se conta fazer. Não que nos interessem muito as glorias ou os proventos da campanha, mas porque sabemos que quem paga as favas... pôdres que os soldados comem—ou não comem—é o povo, o pobre, o que não é governador civil, nem deputado, nem burocrata. Ao menos para se avaliar da despeza feita, embora muito por alto, ou melhor, muito por baixo.

Ou não terá o povo soberano desta democracia, o direito de saber porque o mandam morrer ou inutilisar-se em Africa e lhe arrancam dinheiro para as despesas das expedições ou lá para o que é?

Ou julga-se que o povo se contenta, em guiza de explicação, com frases, por vezes bem mal armadas, sobre a gloria a conquistar, a honra nacional a defender, as afrontas a castigar e outras cantilenas da mesma especie?

E d'ahi, talvez que sim; ele contenta-se com tão pouco!...

A questão do pão

Em uma reunião efectuada na séde da União Operaria Nacional advogou-se a importação urgente de trigo, a fim de se impedir a falta de pão. Afigura-se-nos que a questão agora não é essa; é a da inalterabilidade do preço do pão. Que a importação de trigo se tornou absolutamente necessaria e inevitavel, é já ponto assente. Mas esse acto traz consigo um pesado encargo para o importador—moageiros ou governo. Mantendo-se o actual preço do pão—e a nós bacoreja-nos que não se mantem—como e por quem é distribuido esse encargo? Eis o problema.

Os anarquistas e a guerra europêa (*)

Os anarquistas que em nome da integridade e da pureza da doutrina, combatem os que pregam a defeza contra a Alemanha invasora, fazem-no levados por considerações que creio erroneas e das quaes as principaes são as seguintes:

Na critica que fazem (falo em geral pois em tudo ha excepções) não distinguem bem entre anarquistas de países invadidos e postos a saque e países que estão directamente fora da contenda. Entre estes, ainda haveria, se se quizesse levar mais longe o exame, que distinguir entre os que estão envolvidos na guerra mas não invadidos (Inglaterra), os que podem, dum momento para o outro, entrar nela, como a Italia, e os que se podem considerar como livres dessa contingencia. Mas pelo menos aquella distincção entre países invadidos e não invadidos, tem de fazer-se.

E' com justiça que se assimila a invasão alemã, «feita sem provocação dos invadidos», a uma invasão de barbaros. A barbaridade está nos processos. O incendio, o roubo, o saque, o assassinato, a tortura, a destruição, o morticínio, a apropriação de bens e de pessoas—de tudo isto tem havido e á farta,—não deixam de ser actos barbaros, legitimando toda a defesa, só porque teem atraz deles uma civilização capitalista. Por isto mesmo se ha diferença entre Guilherme II e Atila, é éla em favor deste ultimo, que nem sequer usava, quando falava aos seus soldados, da linguagem empregada por Guilherme II, mesmo em tempo de paz.

Ora o estado de espirito e as necessidades de solidariedade que uma invasão como esta fazem surgir, é natural que provoquem atitudes diferentes daquelas que a invasão provoca aos que estão longe dos acontecimentos. E não é por se ser anarquista

que se está liberto de sofrer a influencia do meio e dos acontecimentos; as ideias que se possuem não são, nestas condições, poderosos factores de conduta, tendo muita mais importancia, o temperamento e as circunstancias individuaes de momento, as quaes se não podem determinar, variando ao infinito.

Bastava esta consideração para que, na apreciação que se fizesse da attitude dos camaradas dos países invadidos, houvesse cuidado em não condenar ou depreciar.

Mas o mais curioso, é que ha quem tenha feito aquella consideração, não deixando todavia de condenar e depreciar.

Mas ha outros camaradas que, sem pegar em armas e estando fora dos países invadidos, aplaudem aquella attitude e até alguns, mais ou menos incitam a que ela seja seguida, havendo tambem os que, não aplaudindo muito ostensivamente e ainda menos incitando abertamente, simpatizam com aquella attitude ou compreendendo-a, justificam-na.

Isto quer dizer que entre os que estão fora directamente do conflito armado, ha varias opiniões e attitudes, o que é natural.

Sobre todos estes, discuta-se muito e como se quizer, mas

(*) O leitor já notou certamente, o mal ordenado destes artigos, onde ha materia que, não sendo inutil, tem arrastado um pouco o assunto. A causa disto é o seguinte: Por motivos que não vêm para o caso, tencionava tratar a questão numa conferencia. Desaparecendo esses motivos e tendo-se depois decidido a publicação do *Germinál*, resolvi dizer nele o que diria na conferencia. Resultou disto a influencia do modo da publicação: fazer-se o trabalho aos bocadós, o que tende a diluir o assunto, para o que deve tambem concorrer o que se passa e o que se lê.

Mas pelo exposto, vê o leitor que eu procurarei remediar o mal.

discuta-se. Examinem-se as razões apresentadas e os motivos invocados, mostre-se que se está em desacordo, aclare-se tudo quanto se diz, mas não se diga nunca, como se tem feito e se está acentuando cada vez mais, sobretudo por parte dos camaradas hespanhoes, que aqueles camaradas atraíram a causa, são ex-anarquistas, que se houvesse um congresso seriam postos de lado, etc. Não falo de epítetos pejorativos, que no calor da discussão se tem empregado de parte a parte, pois que isso não tem importância, sendo apenas mais uma prova de que os temperamentos tem mais força do que as ideias.

Mastraidores, excomungados, ex-anarquistas, porquê? Porque pensam de modo diverso? Mas então onde está a tolerância, o espirito de relatividade, próprios da moral anarquista?

Ha um dogma ou dogmas anarquistas?

Pois não é a propria discordância d'opinões a mostrarmos que não ha rigidez nas ideias e portanto na conduta? E se aqueles tiverem razão? E' inadmissivel? Isso diz a Igreja, não o podem dizer anarquistas, os livre-pensadores, os irreverentes por excellencia, os que tudo examinam, porque a verdade não é uma nem eterna, porque ela pode estar onde menos se julgue encontra-la, porque a verdade de hoje é o erro de amanhã—isto até nas sciencias positivas, quanto mais na sociologia e sobretudo na sua applicação!—.

Bem sei que, embora relativamente, ha principios fundamentaes, pelos quaes nos regulamos enquanto a sua falsidade nos não é demonstrada. Mas por isso mesmo, não havia o dever de respeitar a qualidade de anarquista aos que em nome desses principios falam, sem que a sua conduta moral mostre que os atraíram e com um passado que deve ser um elemento do juizo a fazer?

Outro aspecto da critica feita, foi o alarme levantado com a attitude daqueles camaradas, e que creio foi excessivo. Um excelente camarada, não me chegou a dizer, em seguida á publicação da carta de Kropotkine ao professor G. Steffen, que «estavam matando o anarquismo»?

Eu creio que este receio manifestamente exagerado, que alguns sentiram, contribuiu muito para intensificar a critica feita e fazer dizer muita coisa que se não diria a sangue-frio.

Mas não tem razão de ser, porque o anarquismo em nada está dependente da discussão entre camaradas ou de quaesquer attitudes que se tomem.

Por bem maiores difficuldades ele tem passado, por causa de attitudes e orientações (epocas de Ravachol, Dreyfus, Bonnot, etc) e não se encontrou combatido. E depois... este receio de attitudes que se tomam, con-

trarias á nossa, não parece mostrar que se tem pouca confiança na doutrina que se defende?

Quem se apavora com a revelação das opinões contrarias e respectivas attitudes, são os autoritarios religiosos e laicos; e é por isso que ha o *index-expurgatorio*, leis de imprensa, se amordaçam jornaes, se queimavam livros impios ou se proibem de circular, se recommenda ás familias que não leiam certos autores e certas folhas. Esses é que começam por achar que é um erro a exposição de ideias contrarias, passando depois a chamar-lhe um perigo e acabando por lhe chamar um crime, reclamando o castigo dos hereticos.

Mas ha ainda outras ideias a originarem as censuras e os alarmes que a meu ver se não justificam: a coherencia, a equivalencia dos regimens politicos, a importancia atribuida ao factor economico e consequente regeição dos outros factores como de importancia minima.

(Continua).

Emilio Costa.

Uma explicação

Com *Jranquezinha franca* nos fala a *Aurora* no seu ultimo numero. De sorte que não é preciso esperar que o tempo esclareça a attitude aggressiva que ela tomou para com o *Germinal*. As suas palavras de agora explicam o caso edificantemente. Para a *Aurora* o que ha é sobretudo... uma questão de centavos. Ela vê no *Germinal* um concorrente e trata por isso de o desacreditar para manter firme a sua clientela. Que miseria! E que tristeza que faz o verificá-la!

Noutros tempos era com a maior satisfação que os camaradas recebiam a noticia de ter aparecido mais um jornal defensor das ideias libertarias. Agora é o que se vê! Pois seja. E já que nos é forçoso analisar tão triste documento humano, façamo-lo, mas depois doutro numero da *Aurora*. Póde succeder vir lá a rectificação ou aclaração da frase — «os camaradas traziam entre outros o intuito de combater as ideias que modestamente defendemos» — e o sentido dela importa bastante ao que temos a dizer.

A «Kultur» e «Ferrer»

Os soldados da *kultur*, ao que contam gazetas, acabam de derribar e destruir o monumento que ha tempos fôra erigido na capital da Belgica, em honra de Francisco Ferrer.

«Para os ultramontanos da Espanha,— comenta *A Lucta*— como para os cesaristas da Alemanha, Ferrer é a «Escola Moderna» e a escola moderna é a porta para um futuro que elles detestam».

FIGURAS DA SOCIAL

LUIZA MICHEL

(1830-1905)



«Quem foi Luiza Michel?

«Uma santa, uma iluminada, uma visionaria, uma louca, uma criminosa incendiaria, diz-se da banda da burguesia. E ela era uma mulher cheia de bondade, uma revolucionaria, mistica talvez, mas absolutamente sincera: uma humanitaria, por certo, dogmatica e paradoxal, mas em todo o caso pondo o seu humanitarismo em acção.

Pode-se qualificá-la de sabia, de filosofa? Não. Impulsiva em subido grau, era a maior agitadora. Emfim, o seu sentimentalismo tinha alguma coisa de bizarro, de anormal mesmo, e a sua vontade aparecia frequentemente como que perturbada; a sua obstinação tornava-se ás vezes monomania, e a sua sinceridade produzia nela inconsequencia e imprudencia.

«Tudo isto quer dizer que ela tinha, como o comum dos mortais, as suas «qualidades» e os seus «defeitos», mas qualidades predominantes, e defeitos que não faziam mal a ninguém.

«O que nela houve de sublime é que apesar dos seus dissabores, das suas afflicções, dos seus desgostos, das suas desilusões intimas e dos seus rancores, semeou sempre por toda a parte a eterna confiança que reanima e reconforta. Sabia ligar os seus fulgores de esperanza e fazer d'elles um facho, com que iluminava as multidões. E depois

a sua convicção gigantea era soberbamente corajosa: não cometeu nunca o mais baixo de todos os crimes—prégar a calunia aos explorados e a resignação aos famintos.»

São de E. Girault, no seu livro *La-bonne Louise*, estas palavras. Completamos nós, dalgum modo, a evocação

Luiza Michel encarnou e sublimou todo o Belo Humano: a generosidade, a bravura, a abnegação, realçadas pela mais nobre simplicidade.

Sob o Imperio, ainda muito nova, foi a educadora desvelada dos filhos do povo e o seu grande coração comovia-se com os sofrimentos dos deserdados. Como professora compreendeu que as alegrias dos ricos são tecidas da desgraça dos pobres; e juntou-se aos lutadores que queriam destruir o cesarismo para estabelecer uma sociedade melhor.

Nas horas sombrias de 1870-1871, Luiza foi enfermeira nas ambulancias, cuidando dos feridos, durante os combates, sem recear a metralha; depois, quando a reacção versalheza tentou estrangular Paris, pegou numa espingarda e combateu no forte de Issy, nos Moulinaux, nas barricadas, em defesa do direito social e da liberdade.

Quando os fuziladores vitoriosos transformaram Paris num vasto campo de carnagem, ela podia ter fugido; mas, sabendo que sua mãe fôra detida e era conservada em refens, não hesitou um momento e entregou-se á prisão. Ante o conselho de guerra, fustigou os juizes com o seu desprezo e lançou-lhes ás faces o seu desdém da morte.

Escapou ao fuzilamento em Satory para ser arremessada á deportação na Caledonia. Ahi, durante nove anos, foi exemplo de constante abnegação e de altivez estoica.

De regresso a França, pela amnistia, —em 1880—retomou logo o seu posto de combate social. E a Republica, em que os desherdados depositavam sinceramente as suas esperanças, continuou a não ter para ela senão rigores. Depois da deportação, a cadeia. Depois da cadeia, o exilio!

Luiza Michel nasceu aos 27 de Maio de 1830, em Vroncourt, no Alto Marne (França), e morreu no hotel Oasis de Marselha, a 10 de Janeiro de 1905, por occasião de uma excursão de propaganda.

FRAGMENTOS

Pretendeu-se fazer das mulheres uma casta, e sob a força que as esmagava através dos acontecimentos, operou-se a selecção: nem nos consultaram para isso, nem nós temos de consultar seja quem fôr. O mundo novo nos reunirá á humanidade livre, na qual cada ser terá o seu lugar.

Porque era eu ali uma privilegiada? Ignoro-o. Talvez porque as mulheres gostam das revoltas. Nós não valemos mais do que os homens, mas o poder ainda não nos corrompeu.

Se um poder qualquer fosse susceptivel de fazer alguma coisa, esse poder seria a Comuna, composta de homens de intelligencia, de coragem, de extrema honestidade, que desde a vespera ou de ha muito tinham dado provas indubitaveis de dedicacão e energia. Incontestavelmente, o poder aniquilou-os, não lhes deixando vontade implacavel senão para o sacrificio.

A larga e pronta hospitalidade é de ha muito a gloria da Inglaterra. Ela hauriu no passado essa virtude: outras nações lá vão haurir as ferocidades já desaparecidas.

As obras e a vida dos que lutam pela liberdade não vão ficando aos bocados pelo caminho?

Uma vez que eu dizia a madame Lamel o que pensava sobre a impossibilidade em que no poder se encontram os homens — não importa quais — de fazer outra coisa que não seja cometer crimes, se são fracos ou egoistas, ou ser aniquilados, se são dedicados e energicos, — respondeu-me ela: «E' tambem o que eu penso». Como tinha muita confiança na rectidão do seu espirito, a sua aprovaçao deu-me muito prazer.

O tempo actual é muito semelhante ao fim do Imperio, com um aumento feroz das repressões, com